

# **O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA VIVÊNCIA INDISPENSÁVEL**

Eixo-temático: Estágio Supervisionado

Marcela Cristina Gonçalves de Melo

[mahhmelo@hotmail.com]

**Resumo:** Este artigo é parte de um estudo aprofundado realizado em diversas obras acadêmicas e tem como objetivo elucidar a importância e relevância do estágio curricular supervisionado para o aluno de licenciatura. Traz para tanto, pontos positivos e negativos que abrangem questões referentes a conflitos incorporados às instituições de ensino básico, apresentando os conceitos aprendidos e desenvolvidos na academia; a dicotomia existente entre a teoria e prática e a autonomia do professor em sala de aula, além de outros elementos que caracterizam o percurso da profissão docente. Alguns destes inerentes a todo discente em licenciatura e que, em muitos casos, acaba desestimulando e minimiza o desejo em contorná-los. Como resultado, tem-se uma melhor compreensão das dificuldades encontradas pelo professorado, assim como a estimulação de novos olhares sobre as problemáticas a medida em que se apresenta uma postura mais reflexiva sobre as ações pedagógicas perante os educandos. O estágio, mesmo com a presença de alguns percalços, é sem dúvida, o passo crucial para o aluno que usufrui como primeira experiência, como para o aluno que já se contemplou com a vivência escolar; entretanto, não realizou uma análise mais aprofundada de suas ações, auxiliando tanto para a construção de sua prática docente como na sua formação.

**Palavras-chaves:** Estágio supervisionado; formação; docente.

## **1 – INTRODUÇÃO**

Diante da reflexão sobre a tamanha relevância e influência do estágio supervisionado para o processo de formação da práxis do aluno e sua formação docente, é possível observar que a incumbência da escola nesse processo é imprescindível.

A profissão do professor está situada exatamente no intercâmbio entre o conhecimento sistematizado que a escola oferece e o aluno, portanto, se desenvolve nessa ponte representada na mediação entre aluno e o saber, o ensino e a aprendizagem. (LIMA, 1995, p.13).

Ou seja, não haverá sucesso no ensino sem que os objetivos sejam concretizados dentro do âmbito escolar. Objetivos esses que não se limitam a transferência de conteúdo, mas à complexa conjuntura entre estes e o conhecimento. Diante disso o eixo temático que melhor se encaixa o presente artigo é o “Estágio Supervisionado”.

A priori, o estágio curricular, é o passo inicial na carreira docente para unir teoria e prática, com o objetivo principal de qualquer professor, que é o de conscientizar seus alunos

do mundo em que estão inseridos e como devem se posicionar criticamente diante da sociedade.

Entretanto, ao decorrer desta caminhada repleta de questionamentos complexos, alguns destes, inerentes a todo estudante de licenciatura, apresentam-se como barreiras complexas. Essas dificuldades percorrem alguns conceitos vistos na academia diante da realidade que se vê em sala de aula, na instituição de ensino e principalmente, como isso reflete no processo de ensino e aprendizagem, impedindo que o licenciando não alcance seu objetivo, propiciando então algo distante para os alunos, que dentro desse sistema são os menos influenciadores e os mais influenciados.

A discussão e a reflexão sobre o estágio curricular supervisionado é rica, o que justifica o fato do grande interesse dos pesquisadores uma vez que a partir da experiência vivida pelos licenciandos é que se consegue introduzir as teorias acadêmicas e colocá-las em ação, assim como refletem PIMENTA e LIMA (2006, p. 10-11):

(...) assumindo a crítica da realidade existente, mas numa perspectiva de encaminhar propostas e soluções aos problemas estruturais, sociais, políticos e econômicos dos sistemas de ensino e seus reflexos no espaço escolar e na ação de seus profissionais constituiu o núcleo das pesquisas em várias áreas da educação, em especial no campo da pedagogia e da didática. Também no campo da formação de professores e dos estágios inúmeras pesquisas têm sido produzidas denunciando essas questões, contribuindo para uma melhor compreensão dessa formação a partir de estudos críticos e analíticos das práticas de formação desenvolvidas nas universidades, mas também trazendo contribuições significativas do campo prático dos cursos de licenciatura e do campo teórico para novos encaminhamentos aos cursos de formação.

No livro “O estágio na formação de professores: unidade-teoria e prática?” PIMENTA (1994, p. 80) descreve algo que permite compreender bem a reflexão de instituição escolar entendendo sua função social quando cita que a “escola pretende contribuir para o processo de humanização do aluno-cidadão consciente de si mesmo no mundo, capaz de ler e interpretar o mundo no qual ele está e inserir-se criticamente para transformá-lo”.

Diante deste entendimento, alunos de licenciatura, criam meios para que este objetivo se solidifique, mas esse processo é árduo e requer muito esforço, tanto na prática quanto na leitura e aprofundamento no assunto.

## **2 – DESENVOLVIMENTO**

Existem problemáticas e benefícios nesse caminho que exige tanto foco como vontade; complicações externas e internas presentes em um dos primeiros passos da idealização de uma carreira como professor.

A decisão do conteúdo a ser trabalho é do professor e esta decisão deve estar apoiada em uma análise do conhecimento já elaborado que se deseja ensinar. Os conteúdos escolares devem ser trabalhos, articulados com o desenvolvimento das habilidades operatórias e dos conceitos na perspectiva de fazer com que o aluno passe de um estado de menor conhecimento para um estado de maior conhecimento. (CASTELLAR, 1999, p. 51).

É fundamental a necessidade que o professor tem de autonomia e de livre arbítrio em suas ações como profissional que transpõe conhecimento. No âmbito escolar esse sentido se perde por existir assuntos pré-estabelecidos e postos aos profissionais de forma obrigatória, o que limita a atuação do professor. Baseando-se em conceitos apropriados, devem-se expor aulas que tenham como foco principal uma melhor compreensão do alunado. Aqui está um paradigma: os discentes precisam transpor os conteúdos obrigatórios pela escola e pelo sistema, entretanto, de uma forma que se relacione com o cotidiano que o aluno está introduzido, dando-o consciência de que isto não serve apenas para uma futura avaliação, mas para sua vida dentro da sociedade. No livro “A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente”, a leitura proporciona uma análise de diversos fatores que constroem o estágio supervisionado. Referente à atuação do professor em sala de aula o autor afirma que “o professor enquanto sujeito que não reproduz apenas, por ser também sujeito do conhecimento - pode, por meio de uma reflexão crítica, fazendo do seu trabalho em sala de aula um espaço de transformação. Isso é o que chamamos de práxis docente” (LIMA, 2004, p. 14-15). Esse é o papel do professor: conscientizar seus alunos sobre a realidade do mundo que estão inseridos; esse papel eleva a funcionalidade do docente, e a razão de ser dessa profissão só é realmente sentida quando a ideia de sua grandiosidade for visualizada na mais pura essência, e o estágio pode proporcionar isso aos discentes.

Diante da disparidade que presenciamos no estágio em relação aos conteúdos vistos na academia, no que diz respeito aos conceitos pedagógicos; são ditos por vezes como utópicos ao serem inseridos na realidade educacional brasileira, esta que abarca tanto uma má administração dos recursos públicos voltados para as estruturas físicas das instituições e as práticas didáticas adotadas, quanto para a oferta de um salário mais justo e racional diante da imensa importância do professor para qualquer tipo de sociedade. É válido destacar o que dizem PIMENTA e LIMA (2006, p. 6):

Na verdade, os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, sequer pode-se denominá-las de *teorias*, pois constituem apenas *saberes disciplinares*, em cursos de formação que, em geral, estão completamente desvinculados do campo de atuação profissional dos futuros formandos.

Essa afirmação força uma reflexão sobre a formação acadêmica dos discentes em licenciatura que pretendem atuar na área da educação. Será que o currículo acadêmico nos cursos de licenciatura no Brasil está organizado e concretizado de maneira proveitosa? É preciso um novo olhar para a organização desta estrutura. Uma investigação mais aprofundada tanto das instituições de ensino, como também do alunado, e a realidade da localidade que está inserida. Esta postura propiciaria uma nova perspectiva sobre o ato de ensinar, levando em consideração sua enorme influência em transformação social e construção do indivíduo. A postura voltada a esta reestruturação aplica um pensamento mais focado em qualidade educacional. Com esta perspectiva LIMA (2009, p. 45) afirma que:

Considerando os limites e as possibilidades da Universidade, dos alunos, do projeto político-pedagógico dos cursos de licenciatura à aplicabilidade da legislação, defendemos uma consistência teórica, a produção do conhecimento, a relação teoria e prática, a docência e a pesquisa. Reafirmamos, assim, o compromisso com a formação docente pautada nos princípios da pedagogia dialética e nas posturas críticas e reflexivas, em que a teoria ilumina a prática e a prática ressignifica a teoria, em contexto histórico e condições objetivas de realização.

Desse modo, os debates realizados na academia evidenciam cada vez mais, como esse problema marca a vida de marinheiros de primeira viagem na hora do estágio. Em exemplos dentro da universidade, como já foi dito, alguns cursos de licenciatura não apresentam disciplinas que destrinchem conteúdos importantes e próximos aos alunos de escola básica, ou até mesmo não apresentam conceitos que serão obrigatórios na mesma. Mesmo assim, é preciso conseguir analisar e buscar alguma forma de extrair o melhor de tudo para introduzir na práxis escolar. É indispensável à superação desses obstáculos, tendo em vista novos métodos de ensino possíveis de superar essa linha tênue de articulação do que é aprendido até a transposição dessas informações à outra pessoa ou como se colocar quando não se têm total domínio do assunto da próxima aula, seja por qualquer motivo. É fundamental o estímulo à reflexão, para que novos caminhos possam ser considerados. Essas novas visões possibilitam novos rumos, e a funcionalidade desta postura reflexiva junto ao

estágio, no livro já citado “A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente” é refletida segundo LEITINHO e HOLANDA (2004, p. 91) de modo que “ao criar mecanismos que estimulam transformações na prática pedagógica do aluno, a ação docente supervisionada favorece a superação de aprendizagens mecânicas, trabalhando a ideia de aprendizagem em processo”.

Objetivos utópicos estão e fazem parte da vida de muitas pessoas, essas metas são as que mais impulsionam o homem a prosseguir lutando e buscando com mais firmeza seus caminhos. Como Paulo Freire ensinava: aquilo que ainda não é, mas pode vir a ser. Ou seja, pode existir algo que ainda não seja concretizado, mas se existe vontade pode sim ser realizado. Isso é fundamental para que transformações ocorram e continuem ocorrendo. O que é preciso é consciência de que algumas teorias estão aí para serem usadas no momento do estágio e nas demais experiências, como exemplo e ponto de partida para chegar ao objetivo que se deseja, ou até mesmo, alçar vôos maiores. Assim referenciam PIMENTA e LIMA (2006, p. 12) no trabalho intitulado “Estágio e docência: diferentes concepções”:

“Nesse processo, o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade”.

“Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos” afirmou FREIRE (1996, p. 38). Ser reflexivo quanto às suas práticas, como diz Paulo Freire, tanto antes, construindo conceitos e algumas ideias a partir de leituras necessárias, quanto depois, durante e após o estágio, é essencial para uma construção sólida deste momento tão significativo na carreira, ponto que o graduando enxerga como primeira oportunidade de colocar em ação suas conquistas de conhecimento.

É de total valia destacar mais um conselho que Paulo Freire coloca em sua obra “Pedagogia da Autonomia” por ser tão pertinente ao debate proposto. O pedagogo se refere ao bom senso que se deve ter no ato de ser do professor, e retoma o ponto que se faz necessário na profissão que é o hábito de reflexão e análise crítica constantes.

O exercício do bom senso, com o qual só temos o que ganhar, se faz no corpo da curiosidade. Neste sentido, quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso (FREIRE, 1998, p. 36-37).

É complexo, na medida em que se adentra neste assunto, abordar os dilemas vivenciados no estágio supervisionado, mas é preciso. O que se pode enxergar diante deste assunto, abrange questões internas e externas, que a priori não são benéficas, mas garantem uma profundidade em ganho de experiência e conseqüentemente uma postura mais maleável diante dos obstáculos.

É nítido, dentro do que foi visto até agora, a falta de poder real do professor, quanto à sua autoridade perante a instituição e aos seus alunos, e porque não, perante o seu próprio eu?

A crise de identidade dos professores, objeto de inúmeros debates ao longo dos últimos vinte anos, não é alheia a esta evolução que foi impondo uma separação entre o eu pessoal e o eu profissional. A transposição desta atitude do plano científico para o plano institucional contribuiu para intensificar o controle sobre os professores, favorecendo o seu processo de desprofissionalização. (NÓVOA, 1991, p.13).

Torna-se necessário, que o aluno inserido nesse processo, compreenda sua autonomia e seu papel de realizar um intercâmbio entre o conhecimento sistematizado imposto pela instituição e o alunado; interlaçado a isto a escola deve colocar-se como um espaço de idealização da cidadania, capaz de conduzir as crianças a uma consciência crítica do que realmente representam no mundo em que vivem e que são capazes de mudar suas realidades.

No que se refere ao aprendizado conceitual no âmbito acadêmico e suas contradições, o que deve ser feito é o uso destes como um ponto de partida; aproveitar os instrumentos e propostas oferecidas e realizar uma análise reflexiva que permita o questionamento e conseqüentemente uma readequação de práticas pedagógicas mais efetivas.

A responsabilidade em ser o sujeito portador do conhecimento deve refletir na vida dos alunos como um passo para transformações. O estágio supervisionado oferece, além disso, a possibilidade da criação de novos meios para a superação de um processo de ensino mecânico e que não atinge satisfatoriamente os objetivos de uma educação construtivista.

Adotar uma postura reflexiva diante dos educandos e de todos esses problemas, podem contribuir para a superação e resolução destes, de modo que a autonomia de ser do professor e suas práticas possam resultar na modificação da consciência dos alunos.

### **3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“É fazendo do estágio esse espaço de reflexão sobre a docência, que esperamos contribuir na formação de professores críticos-reflexivos, competentes, comprometidos e

cientes de sua função social” (LIMA, 1995, p. 8-9). Essa citação define bem a intenção em escrever este artigo. Contribuir, de certa forma, para algum tipo de reflexão, de autoavaliação, de análise do futuro, de possíveis pensamentos críticos sobre novas formas de práticas, visando, principalmente o alunado e o benefício que isso trará a eles.

Todos os pontos aqui levantados, e a tentativa de submergir a discussão em torno deste passo, que é o de ser professor, são essenciais no entendimento do que é a formação docente; as adversidades inerentes a todos, iniciantes neste procedimento tão árduo que é o de aprender a ensinar, traçam o perfil de finalidade do objetivo deste artigo.

O estágio supervisionado, como âmbito primordial de reflexão é um espaço amplo e diversificado. A compreensão disto é a busca incessante dos diversos pesquisadores e estudiosos desta área. A partir do momento que o hábito de refletir sobre ações, experiências e vivências, tornar-se comum, a capacidade de se efetuar novas propostas metodológicas e práticas, irão surgir e aperfeiçoarão cada vez mais a práxis docente.

O mundo passa por mudanças, quase rotineiras, transforma a mente de diversas crianças e jovens que construirão a nação em um futuro próximo; é preciso buscar e tentar compreender estas novas gerações, suas relações e seus novos passos, tentando se readequar e reformular novas práticas de ensino. Ter uma análise da realidade do seu alunado, saber como atingi-los de forma significativa, ter ideia da melhor forma de transpor os conteúdos, saber se articular com a escola e entrar em um consenso de como esquematizar novos métodos mais interessantes para os alunos; ser inteligente para conduzir todo esse processo; ter consciência que o caminho não vai ser fácil e paciência para conquistar os objetivos mesmo com as dificuldades. Esses exercícios devem ser realizados no estágio, como também ao decorrer de toda a carreira docente, para que os futuros alunos usufruam de uma educação mais voltada para evolução deles próprios e não de um sistema externo, para que o crescimento nacional ocorra e o desenvolvimento não fique apenas para os que já têm a possibilidade de um ensino de qualidade.

É preciso a dissociabilidade entre teoria e prática; a aproximação entre campos da formação docente e do exercício profissional; a articulação entre conteúdos e práticas da formação e incumbências dos docentes para encabeçar os princípios na formação docente e realizar um processo de ensino e aprendizagem de sucesso tanto para o docente quanto para o alunado.

## REFERÊNCIAS

CASTELLAR, S. M. V. **As transformações no mundo da educação** – Geografia, Ensino e Responsabilidade Social. Publicação Semestral AGB; São Paulo: Terra Livre, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, 1998.

LIMA, M.S.L. **A hora da prática**: Reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente. Fortaleza: Rocha, 2004.

LIMA, M. S. L. **O estágio no curso de licenciatura e metáfora da árvore**. Santos: Pesquiseduca, 2009.

NÓVOA, A. **Vida de Professores**. Porto- Portugal: Porto Editora, 1991.

PIMENTA, S. G. O. **O Estágio na formação de professores**: Unidade-teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**: diferentes concepções. São Paulo: Revista Poíesis, 2006.